

Rebelião na Amazônia



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

MARCELO KNOBEL

Coordenadora Geral da Universidade

TERESA DIB ZAMBON ÁTVARS

EDITORA
UNICAMP

Conselho Editorial

Presidente

MÁRCIA ABREU

ANA CAROLINA DE MOURA DELFIM MACIEL – EUCLIDES DE MESQUITA NETO

MÁRCIO BARRETO – MARCOS STEFANI

MARIA INÉS PETRUCCI ROSA – OSVALDO NOVAIS DE OLIVEIRA JR.

RODRIGO LANNA FRANCO DA SILVEIRA – VERA NISAKA SOLFERINI

Mark Harris

Rebelião na Amazônia

CABANAGEM, RAÇA E CULTURA POPULAR
NO NORTE DO BRASIL, 1798-1840

Tradução

Gabriel Cambraia Neiva

Lisa Katharina Grund

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO
Bibliotecária: Maria Lúcia Nery Dutra de Castro – CRB-8ª / 1724

H242r Harris, Mark.

Rebelião na Amazônia: Cabanagem, raça e cultura popular no Norte do Brasil, 1798-1840 / Mark Harris; tradução: Gabriel Cambraia Neiva e Lisa Katharina Grund. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2017.

1. Cabanagem – Brasil – História. 2. Camponeses. 3. Antropologia – História. I. Neiva, Gabriel Cambraia. II. Grund, Lisa Katharina. III. Título.

CDD - 981.04213

- 305.5633

ISBN 978-85-268-1397-7

- 301.09

Título original: *Rebellion on the Amazon: The Cabanagem, race, and popular culture in the North of Brazil, 1798-1840.*

Copyright © 2010 by Mark Harris

Copyright © 2017 by Editora da Unicamp

2ª reimpressão, 2020

Opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste livro são de responsabilidade do autor e não necessariamente refletem a visão da Editora da Unicamp.

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.

É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização, por escrito, dos detentores dos direitos.

Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados a

Editora da Unicamp

Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 – 3º andar

Campus Unicamp

CEP 13083-859 – Campinas – SP – Brasil

Tel./Fax: (19) 3521-7718 / 7728

www.editoraunicamp.com.br – vendas@editora.unicamp.br

Sumário

<i>Lista de abreviações</i>	7
<i>Lista de figuras, gráficos, mapas e tabelas</i>	9
<i>Prefácio e agradecimentos</i>	11
<i>Introdução – A Amazônia divergente</i>	15
1 – <i>O Pará na era da revolução: História e historiografia</i>	25
2 – <i>A vida no rio</i>	49
3 – <i>A família e seus meios no baixo rio Amazonas</i>	95
4 – <i>Algumas origens da rebelião camponesa no Pará e o setor agrário</i>	135
5 – <i>Formas de resistência no fim do período colonial</i>	179
6 – <i>Independência, liberalismo, mudanças sociais e relações raciais, 1820-1835</i>	219
7 – <i>O acampamento dos Brasileiros Reunidos em Ecuipiranga, 1833-1837</i>	273
8 – <i>“Vingança contra a inocência”: A repressão e a rebelião incessante, 1837-1840</i>	313
<i>Conclusão – A formação da Amazônia brasileira</i>	351
<i>Principais eventos</i>	371

<i>Lista de pessoas importantes</i>	375
<i>Referências bibliográficas</i>	379
<i>Índice remissivo</i>	397

Lista de abreviações

Abapp – *Annaes da Biblioteca e Archivo Publico do Pará.*

ABNRJ – *Anais da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.*

AHI – Arquivo Histórico do Itamaraty, Rio de Janeiro.

AHU – Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa.

Apep – Arquivo Público do Estado do Pará, Belém.

Apoep – Arquivo de Prelazia de Óbidos, Estado do Pará.

Apsep – Arquivo de Prelazia de Santarém, Estado do Pará.

BIHGB – Biblioteca do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro.

BNRJ – Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.

NAL – National Archives, London.

RIHGB – *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.*

Lista de figuras, gráficos, mapas e tabelas

Figuras

Figura 1 – Vista de Santarém, por Hercule Florence, 1828.....	63
Figura 2 – Vista da vila ribeirinha de Monforte, c. 1785.....	64
Figura 3 – Montaria, canoa cavada, c. 1840.....	73
Figura 4 – Canoa amazônica, embarcação fluvial a vela, c. 1840.....	73
Figura 5 – Vista da praça das Mercês com a feira, Belém, c. 1792.....	80
Figura 6 – Expedições de coleta e captura de tartarugas, c. 1785.....	164
Figura 7 – Mapa topográfico da concessão de terras de Francisco José de Faria, 1815.....	169
Figura 8 – Um índio mura inalando tabaco (paricá), c. 1785.....	186
Figura 9 – O uso de um trompete por um índio amazônico [Munduruku?], c. 1785.....	191
Figura 10 – Um índio munduruku no rio Tapajós, por Hercule Florence, 1828.....	193
Figura 11 – Perfil de Belém, por E. F. North [detalhe da Figura 12, rio Pará], 1835.....	260
Figura 12 – Rio Pará mapeado pelo capitão, baronete Sir Everard Home, e Sr. Byron Drury, imediato do HMS <i>Racehorse</i> , 1835.....	318

Gráficos

Gráfico 1 – Quadro comparativo da população livre em cidades selecionadas no baixo Amazonas.....	108
Gráfico 2 – Produção de cacau na Amazônia, 1794-1822.....	166
Gráfico 3 – Valor relativo das exportações do Pará, 1794-1822.....	168

Mapas

Mapa 1 – América do Sul, 1799.....	26
Mapa 2 – Grão-Pará e Capitania de São José do Rio Negro, c. 1820.....	27
Mapa 3 – Concessões de terra no baixo Amazonas, 1740 e 1821.....	109
Mapa 4 – O baixo e o alto Amazonas durante a Cabanagem.....	274

Tabelas

Tabela 1 – População de Monte Alegre, Óbidos e Santarém, 1827-1828.....	75
Tabela 2 – Quantidade de proprietários de barcos em Óbidos e Monte Alegre, 1827.....	75
Tabela 3 – Principal uso dos barcos em Óbidos e Monte Alegre, 1827.....	76
Tabela 4 – Tipos de trabalho nos barcos, em Óbidos e Monte Alegre, 1827.....	76
Tabela 5 – Titulares de concessões de terra (<i>sesmeiros</i>) no baixo Amazonas, 1740-1821.....	110
Tabela 6 – Emprego de milicianos em cidades selecionadas no baixo Amazonas, 1799.....	150
Tabela 7 – Mudanças populacionais nas cidades do baixo e do alto Amazonas, antes e depois da Cabanagem.....	339

Prefácio e agradecimentos

A maioria das pessoas não associaria a Amazônia com aquela que foi, indiscutivelmente, a maior rebelião camponesa da história do Brasil. A Amazônia é conhecida por outros motivos, não por insurreições. Seus povos indígenas, sua exuberante floresta e a profusão de animais selvagens, normalmente, dominam as representações acadêmicas e populares. Este livro conta outra história, procura recuperar a vida e as demandas dos rebeldes amazônicos. A maioria dos camponeses que vivia perto das povoações, ao longo do rio, procurava defender seu modo de vida das apropriações de terras das elites, assim como sua exclusão política de uma nação recém-independente. A defesa de um modo de vida era tanto uma proteção de seu meio ambiente, quanto o avanço de ideário. O desafio deste livro é juntar essas várias histórias num estudo: o exótico e o mundano, o camponês e o índio, o histórico e o etnográfico, o político e o cultural. Conhecida como Cabanagem, a rebelião ocorreu durante um tempo de levante social generalizado no Brasil, na década de 1830, que afetou bastante a Amazônia brasileira.

O estudo pretende contribuir para uma nova fase de pesquisas sobre a região. Liderados por estudiosos que têm extenso trabalho sobre Amazônia e que também lá vivem, novos entendimentos estão emergindo. A imensa quantidade de material abrigada localmente e nacionalmente, assim como em arquivos na Europa e América do Norte, tem estado sob maior escrutínio. Abordagens críticas a respeito do lugar da Amazônia, no contexto da nação e da América Latina, passam ao primeiro plano. A premissa de uma região apartada, ainda que dominada, pelo resto do Brasil, bem como de uma terra sem história própria, tem arrefecido. Tive a sorte de conhecer alguns desses estudiosos, enquanto ensinei antropologia em Belém, na Universidade Federal do Pará, entre 2003-2004, e em visita subsequente, em 2006. Em virtude do

apoio concedido pelo Leverhulme Trust, pela British Academy e pelo Arts and Humanities Research Council, pude aprofundar meu treino antropológico em uma minuciosa imersão histórica.

Em Belém, Manuel Dutra, Décio Gúzman, Magda Ricci, Aldrin Figueiredo, Geraldo Mártires Coelho, Heraldo Maués, Rafael Chambouleyron, Lúcio Flávio Pinto e Wilma Leitão responderam às minhas questões pacientemente. Eles ajudaram a expandir meu entendimento sobre o Pará. Agradecimentos especiais para Dutra e Rafael, pela constante generosidade. Os estudantes de pós-graduação no curso 500 Anos do Pensamento Mestiço na Amazônia, por fim, ensinaram-me muito, especialmente Roseanne Pinto e Carmen Izabel. Meus transcritores, em Belém, eram os estudantes de história Letícia Barriga, Alanna Souto Cardoso e Paulo Barreto. Dispuseram-se a ficar incontáveis horas no arquivo e enviaram-me, lealmente, documentos transcritos através do Atlântico. Os funcionários do Arquivo Público do Pará, especialmente Guarete, forneceu assistência valiosa. No Rio de Janeiro, Otávio Velho, Claudia Barcellos Rezende e Benjamin Buclet ofereceram hospitalidade e boa conversa. De volta a Óbidos, Edson Gomes e Raimundo e Ana Corrêa quiseram que escrevesse sobre suas histórias. Espero que este livro responda, em certa medida, à sua solicitação. Marta Amoroso e Leandro Mahalem de Lima, em São Paulo, compartilharam suas ideias e seus trabalhos comigo. Um breve encontro com André Machado foi mais que sorte. Conversas com David Cleary, quase todas em Belém, foram cruciais para o desenvolvimento de meu entendimento acerca do material. Suas ideias eram sempre perspicazes e bem-vindas.

Através do Atlântico Norte, Heather Flynn Roller e Barbara Sommer foram interlocutores inestimáveis. Ambas me indicaram inúmeras fontes e fizeram observações importantes, que ajudaram a conter algumas das minhas interpretações mais dilatadas. Em St. Andrews, Peter Clark generosamente apoiou a escrita deste livro, ao conceder-me tempo para pensar e escrever. Paloma Gay y Blasco, Will Fowler, James Harris, Tristan Platt, Nigel Rapport, Huon Wardle fizeram comentários (algumas vezes improvisadamente) que, de diversos modos, encontraram seu caminho na escrita deste livro. Tristan, constantemente, alargou meus horizontes intelectuais. Graeme Sandeman desenhou os mapas. Em Londres, Stephen Nugent me ajudou a enquadrar questões pertinentes e encorajou meu interesse numa antropologia histórica da Amazônia.

Jim Hunter e Pat Stocker comentaram um primeiro rascunho do manuscrito. Suas leituras não apenas aperfeiçoaram algumas expressões mais pobres, mas afiaram o argumento. Herbert Klein e dois revisores da Cambridge University Press leram uma versão subsequente e forçaram-me a lançar a rede mais amplamente. Sem dúvida, eles contribuíram para fazer este livro melhor do que era. Qualquer erro factual ou quaisquer mal-entendidos são meus apenas.

Minha sincera gratidão vai para todas essas pessoas. Finalmente, mas não menos importante, agradeço à minha família, cuja contribuição em concluir este livro é imensurável, assim como meu apreço.

Agradeço a permissão para reproduzir imagens das seguintes instituições:

Biblioteca da Academia de Ciências, São Petersburgo: Figuras 1, 10.

Fundação Biblioteca Nacional, Brasil: Figuras 2, 5, 6, 8, 9.

De Daniel P. Kidder & James C. Fletcher, *Brazil and the Brazilians*, 1857: Figuras 3, 4.

Arquivo Histórico Ultramarino, Portugal: Figura 7.

© British Library Board. All Rights Reserved, Maps SEC. 9 (1179): Figuras 11, 12.

Introdução

A Amazônia divergente

Monumento surpreendente se ergue em um movimentado cruzamento de trânsito nos arredores de Belém, uma das maiores cidades da região amazônica. Em diagonal rompida em um único ponto, placas de concreto emergem, como mão que se eleva da terra, ou talvez, mão descendo à água (vem-me à mente o poema de Stevie Smith: “Não acenava; antes, afogava-me”).* Encomendado em 1985 pelo governo do estado e projetado pelo maior arquiteto brasileiro, Oscar Niemeyer, trata-se de memorial à Cabanagem, a rebelião popular da Amazônia brasileira ocorrida há mais de 150 anos.

Nem mesmo o viajante incauto, mochila às costas, poderia se equivocar quanto à apropriação moderna, que faz o governo regional da rebelião. Ainda assim, o monumento pode ser lido de vários modos. Para alguns moradores, é uma peça de arte pública sem maior importância, enquanto outros ali se reúnem, todos os anos, aos 7 de janeiro, para marcar o aniversário da grande ofensiva sobre Belém. Para o historiador, talvez represente o poder das massas em contestar o modo pelo qual são governadas, mas também, em contrapartida, o sucesso do Brasil, como nação, em suprimir dissidências e evitar sua fragmentação pouco depois de sua Independência de Portugal.

A rebelião da Cabanagem, entre 1835-1840, não foi apenas uma luta de oprimidos, análoga a tantas outras lutas ao redor do mundo, entre o final do século XVIII e o início do XIX; foi também, potencialmente, separatista. Poderia haver-se provado o momento decisivo em que a Amazônia brasileira divergiu do resto da América lusófona. Ao contrário, o fracasso final da rebelião forçou a região de volta à convergência, subordinando sua distinção so-

* “I was much further out than you thought / And not waving but drowning.” (Smith, “Not waving but drowning”, 1988) (N. da T.)

ciológica e histórica a um projeto mais amplo de nação. Uma forma de colonialismo interno foi, em alguma medida, alcançada, cujo legado se estende aos dias de hoje. Desde então, os governantes do Pará (a Amazônia oriental, em que a rebelião, principalmente, ocorreu) e do Brasil tiveram de enfrentar a identidade ambígua da região, e o significado da Cabanagem é tão controverso hoje quanto no passado.

O presente estudo retoma documentos da época que foram escritos pelos rebeldes, embora sejam poucos os que se conservaram. Assim, este livro pode ser descrito como uma etnografia histórica, escrita por um antropólogo. Espero que nada, intrinsecamente, separe minha metodologia daquela do historiador treinado; mais do que isso, espero que meu trabalho de campo no Pará dê a este estudo uma força distintiva. Desde 1992, venho empreendendo trabalho de campo entre moradores ribeirinhos no Pará (em uma localidade rio acima de Belém), cujas histórias orais têm ricas referências à Cabanagem. Os ribeirinhos contam, por exemplo, que os portugueses escondiam seu dinheiro e ouro dentro de imagens de santos, ou os enterravam antes de fugir, apressadamente, para escapar dos rebeldes. Minha experiência da vida na Amazônia deu-me acesso privilegiado ao mundo ribeirinho dessas pessoas e de seus patrões, e me permitiu casar a sensibilidade etnográfica com o método de R. G. Collingwood, de reencenação imaginativa do “interior” das ações humanas – intenções e ideias das pessoas.¹ Pretendo esboçar um quadro geral das condições sociais e políticas da vida na Amazônia, no começo do século XIX, à guisa de molde em que possa situar as motivações rebeldes. Tal abordagem equivale a criar um rosto a partir de uma máscara.

Fontes, certamente, existem para essa abordagem, muitas delas já utilizadas por outros estudiosos da Cabanagem. Desde a década de 1840, a rebelião tem sido objeto de vários comentários e análises. Dentre esses analistas, incluem-se visitantes que vieram no desenlace e ouviram breves relatos daqueles que tinham testemunhado cenas terríveis, oficiais militares que escreveram memórias e um padre que coletou relatos.² Por ocasião do centenário da Cabanagem, vários livros vieram à luz, baseados numa leitura atenta de parte da extensa documentação constante no arquivo em Belém.³ Os homens que escreveram esses trabalhos foram os primeiros a contemplar, sistematicamente, problemas centrais, tal como o conflito entre elites regionais e nacionais.⁴ Análises subsequentes desenvolveram temas correlatos, incluindo o papel de escravos afro-brasileiros e indígenas, as bases ideológicas da rebelião e a rede social

estabelecida entre o Pará e o mundo transatlântico.⁵ Alinhando-me aos historiadores contemporâneos do Pará, parto da perspectiva de que a insurreição não pode ser retratada como um conflito entre dois inimigos claramente marcados e de que suas origens devem se encontrar no período colonial.⁶ Consoante aos recentes estudos sobre a maioria das rebeliões no Brasil pós-Independência, também argumento que os cabanos não eram separatistas. Defendiam, antes, seu modo de vida e eram motivados por sua interpretação do liberalismo. Naquele tempo, os rebeldes usavam o termo *pátria*, ou terra natal, para se referir ao lugar que eles queriam proteger, o que significava, de acordo com Roderick Barman, “a comunidade física, visível, em que um indivíduo nascia, crescia, casava-se, ganhava a vida e criava seus filhos”.⁷

A Cabanagem é uma rebelião célebre na história do Brasil. Ocorreu em um tempo de ruptura e incerteza: o monarca que havia levado o Brasil à Independência abdicara em meio a uma onda crescente de liberalismo radical e ataque virulento aos portugueses. Seu próprio filho era muito novo para governar, motivo pelo qual foi estabelecida a Regência. Nos quatro anos seguintes, leis foram introduzidas, que deram mais poder às regiões. Na década de 1830, significativos levantes tiveram lugar não apenas no Pará, mas também nas províncias do Nordeste – Pernambuco (a Cabanada), Maranhão (a Balaiada) e Bahia (a Sabinada e a Revolta dos Malês de 1835) – e do extremo sul do Brasil (a Farroupilha). Cada um deles ameaçou a futura existência do Brasil e desafiou, em diferentes graus, a exclusão política do povo, a grilagem de terra pelas elites, a escravidão e a monarquia. Desde então, os historiadores têm confrontado a natureza nacional da ruptura política durante o período regencial (1831-1840).⁸ Que interesses mantiveram o Brasil unido? Foram as rebeliões – ou, mais acuradamente, sua repressão – necessárias à asserção da integridade e identidade nacionais? Se assim for, a quem pertence tal versão?⁹ Como pode ser entendida a participação popular na política? De que modo, se houve algum, cada rebelião se articulava às outras? Dadas as imensas diferenças regionais do Brasil naquele tempo, poderia a contemporaneidade dessas rebeliões ocultar processos e relações locais que não se submetiam a uma perspectiva nacional? Essas são questões em aberto, às quais este livro faz uma contribuição.

Ao procurar respostas, torna-se aparente que a Amazônia portuguesa suscita comparações significativas às áreas hispano-falantes da América Latina, onde populações indígenas foram engolfadas pelo regime colonial (como nos

Andes e no México). A rica literatura sobre camponeses, revoltas rurais, consciência política e estruturas agrárias nessas últimas áreas tem ajudado a refinar as questões que emergem da Amazônia.¹⁰ Por todo o continente, no século XIX, houve um engajamento de massas ao liberalismo e uma elite faccionalizada mobilizava apoiadores em tipos diversos de alianças. Eis questões dignas de nota: Que motivos tinham camponeses e pobres urbanos para estabelecer tais conexões? Como os camponeses se articulavam ao Estado centralizado? Quais eram as características étnicas e de classe do campesinato na Amazônia?

Uma nota sobre o termo “Cabanagem”: o termo remete a pessoas que vivem em cabanas, a moradia mais pobre da região – choupanas de madeira e folhas de palmeira. Esses habitantes eram chamados cabanos, designação que carrega associações com atraso, pobreza e sedição. É improvável que os rebeldes alguma vez hajam tomado para si o termo “cabanos”; eles não tinham designação geral para sua rebelião. Os líderes do movimento descreviam a si mesmos como “defensores da pátria e da liberdade”. O termo “Cabanagem” foi aplicado, retrospectivamente, no final do século XIX.

As fontes

Este estudo baseia-se, principalmente, em documentos que, hoje, se encontram no Arquivo Público do Pará, em Belém. Em larga maioria, consistem de cartas, relatórios militares e municipais, e investigações judiciais enviadas ao governador-geral em Belém. No mais das vezes, foram escritos por quem se opunha aos rebeldes. Alguns dos escritores eram portugueses, mas muitos eram paraenses de poucas gerações. O nível local dos documentos permitiu-me chegar mais perto da vida, tal como se a experimentava, bem como do curso dos eventos, ainda que se reconheçam possíveis vieses e versões falseadas. Os livros de registro das paróquias mais antigas da região são inconstantes e incompletos, mas, apesar disso, permitem reconstruir algumas relações familiares; mantidos em arquivos paroquiais, esses livros consistem de registros de batismos e casamentos.

Nem todas as cartas foram escritas por funcionários governamentais; entre os missivistas, incluíam-se, também, padres, filhos de famílias abastadas e chefes indígenas que haviam frequentado escola em Belém.¹¹ Essas cartas tendiam a ser mais pessoais: algumas vezes, eram escritas ao governador, para

pedir caridade. A correspondência local – entre funcionários de vilas ou povoações, colegas, amigos – não se conservou. Um dos primeiros atos dos cabanos, ao tomar uma cidade, era queimar o arquivo municipal, talvez visando refundá-lo. Por essa razão e pela falta de cuidado, não há, aparentemente, coleções locais de correspondência, além da de Belém, antes da década de 1840.

A imensidão da região tornou necessário buscar um quadro mais detalhado para alguns temas, como família e parentesco. Com tal propósito, concentrei-me no baixo Amazonas, em torno de Santarém, daí ampliando o raio da pesquisa rio acima, até Manaus, e rio abaixo, até Gurupá, inclusive os tributários na área, principalmente o rio Tapajós, região que corresponde à minha experiência de campo anterior. Ademais, a rebelião findou, no baixo Amazonas, em eventos dramáticos, acerca dos quais pouco se escreveu até o momento. Tradicionalmente, o baixo Amazonas era a região entre a capital e o grande interior do rio Negro, onde a maior parte dos escravos indígenas foi capturada durante os séculos XVII e XVIII. A maioria dos habitantes indígenas do baixo Amazonas morreu de doenças, escapou para os tributários ou, ainda, foi levada à força para Belém. No entanto, várias missões ali foram estabelecidas no início do século XVIII. No decorrer daquele século, colonos portugueses e brasileiros lá se instalaram e trouxeram africanos. Santarém era a segunda maior cidade no Pará e, depois da capital, o baixo Amazonas era, política e economicamente, o centro mais importante. Não é coincidência que as convulsões políticas e sociais ali tenham durado mais do que em outros lugares.

Outra categoria de documentação que desapareceu, quase completamente, é a de jornais e panfletos, abundantes naquele tempo. As edições que circularam pela imprensa liberal no Pará, na década de 1820, estão perdidas, salvo um punhado de números enviado a Lisboa, Rio de Janeiro, Londres e Paris. Versões originais dos manifestos e proclamações, impressos durante a Cabanagem, existem apenas fora de Belém, no Rio de Janeiro ou em Londres. Tais lacunas são outra indicação da severidade da repressão.

As fontes procedentes do Pará são complementadas com um espectro mais amplo de materiais de arquivo, relativos à região e, de modo geral, ao Brasil, entre os quais publicações que se encontram em Lisboa, no Rio de Janeiro e em Londres. Os documentos que se encontram fora de Belém constituem, por via de regra, correspondência trocada nas esferas mais altas da burocracia.

Outra fonte importante para os detalhes da cultura popular e da vida cotidiana são os relatos de viagens, científicas ou outras. Entre a década de 1750

e o final da de 1810, o Pará não foi visitado por cientistas estrangeiros ou viajantes. Houve, no entanto, expedições brasileiras e portuguesas, a mais famosa delas liderada por Alexandre Rodrigues Ferreira e publicada como *Viagem filosófica (1783-1792)*. A *Viagem* produziu algumas das melhores ilustrações da Amazônia colonial, assim como ensaios etnográficos e históricos sobre as populações indígenas. A abertura dos portos em 1808 e o crescente interesse científico, econômico e estratégico na Amazônia atraíram muitos viajantes. Para os propósitos deste livro, foram sobretudo úteis e importantes a história e a etnografia da Amazônia oriental de Johann Spix e Karl Martius (1819-1820); a infeliz viagem de Hercule Florence, descendo o rio Tapajós (1827); e os retratos íntimos e inteligentes da vida do rio feitos por Henry Bates (1849-1860). No capítulo 6, utilizo a extraordinária história da fuga de um jovem escocês dos rebeldes no final de 1835, de forma a construir uma imagem da vida durante a rebelião, fora de Belém.

Por fim, há uma viva tradição de histórias orais sobre a Cabanagem, em que se inclui o livro de outro escocês, um padre que, na década de 1970, coletou histórias nas proximidades de Belém, onde a rebelião foi planejada e onde alguns de seus protagonistas viveram. O autor considera “perigosas” essas várias memórias, porque desafiam a versão dos vencedores; apesar de registrá-las, não se detém em sua análise. Delas ressalta, entretanto, o significado presente, localmente referenciado, de histórias ou memórias de eventos, como a fuga de uma família dos rebeldes ou as táticas de ambos, cabanos e tropas imperiais. Locais específicos são associados a narrativas ou pessoas, o que pude confirmar em minha pesquisa de campo no baixo Amazonas: moradores recontam onde havia um mirante cabano, onde e como um comerciante português foi esfolado vivo, a permanente busca por tesouros enterrados e assim por diante. Intrigantes são, igualmente, as histórias de embuste: homens que usavam se vestir de mulher, para evitar o recrutamento militar; uma vila que hasteava a bandeira preta, indicando lealdade ao Império, mas atacava, quando as tropas imperiais desembarcavam.¹² Todavia, este livro não faz uso da tradição oral, pois que esta requer estudo à parte e aventa questões, que lhe são próprias, acerca da conexão entre memória, trauma e paisagem, bem como dos motivos pelos quais, nela, o embuste vem a ser tema tão proeminente. Em vez disso, o contexto para a presente análise é a historiografia brasileira.